



<

Canção do vale,
de Athol Fugard,
enc. Jorge Silva,
Teatro dos Aloés, 2008
(Carla Galvão),
fot. Margarida Dias.

Carla Galvão

Uma arquitecta das mágoas boas

Rui Pina Coelho

Há actores e actrizes que nos põem em contacto com as coisas mais frágeis e mais misteriosas da vida. Com um gesticular particular, com um tremer especial, uma inflexão de voz ou um olhar mais silencioso, ajudam-nos a melhor confiar nas nossas impressões emotivas e a deixar que estas nos ajudem a perscrutar o mundo. Eles são os arquitectos dos momentos breves, dos sorrisos cúmplices e das mágoas boas. E, de entre estes, Carla Galvão é, seguramente, uma das actrizes portuguesas que melhor cumpre este papel.

Para começar por justificar esta menção especial atribuída pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro à actriz Carla Galvão pelo seu trabalho em 2008 temos que regressar ainda a 2007 e ao maravilhamento que o espectáculo *Contos em viagem: Cabo Verde* (Teatro Meridional) nos provocou. Encenado por Miguel Seabra e com dramaturgia de Natália Luíza a partir de diferentes textos, poemas e histórias, esse espectáculo erguia uma narração absolutamente mágica em que a actriz se assumia como o pilar de todo o espectáculo, um feliz acontecimento comunicativo. Nele ecoavam os ambientes, os cheiros, as vivências e as atmosferas de Cabo Verde, fazendo do palco de teatro a metáfora para um cais – um local de permanentes partidas e chegadas, volátil e alegre. Encontrando um equilíbrio justíssimo entre o acto de representar e o acto de narrar, Galvão jogava como uma contadora de histórias, narrando, sussurrando e cantando,

acompanhada pelo extraordinário músico Fernando Mota, que ia pontuando e colorindo o jogo da actriz num diálogo sonoro, cúmplice e excitante. Não obstante a inteira expressividade da interpretação de Carla Galvão, o seu corpo conseguia desaparecer na dimensão poética da sua narração, empurrando o espectador para um estado de confiança nas impressões emotivas mais íntimas. E esse era um acto da mais sedutora generosidade.

Depois disto e já em 2008, Carla Galvão viria a atingirmos com a brutal recriação de uma filha prostrada na cama, em *Acamarrados* (*Bedbound*, 2000) do jovem dramaturgo irlandês Enda Walsh, num espectáculo dos Artistas Unidos, em que contracenava com António Simão. Este espectáculo obrigava-nos a testemunhar a relação de um desconsolado vendedor de mobílias com a sua filha fisicamente inválida. Terrificamente, à medida que a narrativa avançava ia-se revelando a trágica e absurda sorte das duas personagens: o pai, um violento e nervoso sociopata que não olha a meios para preservar o seu império mobiliário, batendo e matando, encontra-se preso pela culpa e pela vergonha à cama da sua filha, vítima de poliomielite. Falavam ambos vorazmente e sem tréguas eletrizando a palavra fremente, vigorosa e violenta de Enda Walsh. Em *Acamarrados*, Galvão criava uma figura de impressionante recorte, não recorrendo a tiques realistas, mas sim à convocação de um imaginário ferino ancorado em flexíveis molduras vocais que serviam as várias

<
Acamarrados,
 de Enda Walsh,
 António Simão
 e Carla Galvão,
 Artistas Unidos, 2008
 (Carla Galvão),
 fot. Jorge Gonçalves.



Contos em viagem:
Cabo Verde,
 selecção de textos de
 Natália Luiza,
 enc. Miguel Seabra,
 Teatro Meridional, 2007
 (Carla Galvão),
 fot. Patrícia Poção.



pequenas histórias que iam ajudando a explicar o passado e o presente das personagens. Nisto, a filha acamarrada tornava-se uma versátil interlocutora/narradora das micro-narrativas do texto. Contudo, na carnavalesca voragem do desfile de diversíssimas figuras, o mais impressionante era o facto de, no trabalho de Galvão, nunca se perder a dimensão humana das vozes figuradas, nem a humanidade febril da família ali retratada. Assim, à medida que o texto se afastava de um imaginário mais próximo do absurdo beckettiano e se aproximava do realismo poético pinteresco, o trabalho da actriz ganhava literalidade e pungência realista – o que sobrava eram as côdeas de uma humanidade violenta, trágica e triste.

Em 2008, ainda pudemos rever Carla Galvão na maravilhosa e distópica *A fábrica de nada* (Artistas Unidos, 2005), trazendo um pouco de alegria feminina a um espectáculo deliciosamente "masculino". Mais uma vez, a actriz compunha figuras alinhavadas com as linhas da alegria e do humor.

Contudo, o trabalho aqui distinguido é a sua figuração de uma jovem neta de um velho agricultor (interpretado por José Peixoto), em *Canção do vale* (*Valley Song*, 1996), do sul-africano Athol Fugard (Teatro dos Aloés). O avô vive devotado ao seu quinhão de terra e à sua neta, que lhe preenche os dias com contos e canções. Contudo, ela o que mais ambiciona é abandonar o desolado Karoo, quente e seco, e perseguir o sonho de ser cantora em Joanesburgo. Este delicado equilíbrio seria posto em causa com a chegada de um intelectual que buscava refúgio longe das cidades (também interpretado por José Peixoto, que interrompia os seus diálogos com narrações poéticas e cúmplices). Carla Galvão, cantando e interpretando, jogava com jovialidade e ritmo, compondo simultaneamente uma figura de grande densidade emocional. Nisto, permitia-nos descobrir a universalidade da tragédia daquela pobre família sul-africana, ao mesmo tempo que nos lembrava da frágil harmonia social dos

latifúndios alentejanos e do projecto incumprido da reforma agrária.

Em todos estes trabalhos, Carla Galvão interpretava figuras marcadas por uma aura trágica e que habitavam narrativas de desconsolo e desencanto. Contudo, o trabalho e a generosidade da actriz conseguiam descobrir a humanidade vital dos universos retratados, transformando o desespero num necessário optimismo. Desta forma, arquitectava as mágoas boas que são o substantivo mais gregário da vida e do teatro.

Nestes espectáculos, Galvão não estava sozinha, e não será mais do que justo lembrar aqui o talento e a cumplicidade artística dos outros elementos dos duos que, muito curiosamente, constituíram os elencos destes espectáculos: o músico Fernando Mota, que a acompanhou em *Contos em viagem: Cabo Verde*; António Simão, seu parceiro em *Acamarrados*; e José Peixoto, a rocha que faz de Carla Galvão o mar em *Canção do vale*. Mas será também inevitável lembrar Miguel Seabra, Natália Luiza, Marco Fonseca, Marta Carreiras (equipa criativa em *Contos em viagem: Cabo Verde*), Rita Lopes Alves, Pedro Domingos e Pedro Carraca (em *Acamarrados*), Jorge Silva, Ana Paula Rocha, Filipe Melo e Carlos Gonçalves (em *Canção do vale*).

Assim, habitando de forma intensa os diversos universos simbólicos em que se movimenta, Carla Galvão põe a sua vasta paleta expressiva ao serviço dos espectáculos e dos diferentes projectos que vai abraçando sempre com a mesma imensa generosidade e com a mesma qualidade superlativa, mantendo intacta a sua bem definida identidade artística. Foram estes mais do que motivos suficientes para a atribuição de uma Menção Especial por parte do júri da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro.